

Marta Cristina Araújo
Novembro '91

Laborioso animal surdo e de muitos silêncios exprime-se retirando paciente e inteligentemente "o que sobra" dos troncos ainda quase vivos - enormes passageiros de além-mar aportados aqui -, sustendo o corte insensível das lâminas que iriam transformá-los em fatias fininhas de cobrir misérias, de aparentar a qualidade do raro. O artista olhou (demorou o ver), empenhou-se dando em troca um pedaço de si, carregou nos braços até à sua toca o volume já profundamente amado, aplicou-se horas, muitíssimas, desgastou alegrias em busca da sua escultura. Desse escavar artesanal (como se escavam ainda os campos à sua volta naquela propriedade familiar à margem do mundo real) surgiram, primeiro, formas altas e delgadas. Grupos. Às vezes rissonhas formas de estar junto. Toques de cor.

Veio o começo da maturidade e das tristezas: formas totêmicas, deuses tão grandes que deveriam esconjurar o mal. Pelo seu peso e seu volume, um susto para os demônios que imaginamos poderem dar-se ao luxo de ser distraídos, habituados só a pequenos precalços. Tótemes que nos espantam quando colocamos em alguns jardins.

(Que árvore aquela, saída da folhagem? pergunta uma criança. - É a árvore do saber, da poesia. - Mas não fala, não canta? - Fala e canta. Ora ouve. Vês?).

Já simultaneamente com a elaboração do painel de homenagem a Camilo, soltaram-se os bandos de anjos lentos como farrapos de uma tristeza enorme e alada. Voando, vagando às vezes, entre nuvens; ou sustentando nuvens. Ou acamando em nuvens. Ou, ainda, escondendo-se sob a forma de nuvem em espiral de vento. Como é que um material denso pode assim tomar-se volátil?

É claro que pode. - Perguntem a quem tem a sorte de amar, afagar entre as mãos estes pedaços miraculosos que são as esculturas de Paulo Neves.